

TAPIOCA, Ruy. *A república dos bugres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 530p.

A república dos bugres é daquelas obras que, de um lado, possuem um sólido projeto e, de outro, revelam a imensa capacidade do escritor em inventar um enredo e concretizá-lo com desenvoltura tal que o leitor sente imenso prazer a cada página que lê. O título revela com clareza a intenção do autor, Ruy Tapiooca: a perspectiva de um país mestiço traduz-se neste substantivo que é, ao mesmo tempo, um adjetivo preconceituoso, porque de inferioridade. No caso, era o apodo dos colonizadores aos filhos de índia com homem branco. Para o romance, é o modo pelo qual os da corte portuguesa, aqui chegados e, por extensão, todos os europeus, classificam o brasileiro. Mas como o apodo está na boca de um dos narradores, que se encontra às portas da morte, temos uma nova questão para análise. Acrescentemos, antes de desenvolvê-la, que a narrativa está desdobrada nas visões desta personagem, o Comendador Joaquim Manuel Menezes d'Oliveira, depois do padre Jacinto Venâncio, através de seu diário, e, mais além, de uma terceira pessoa onisciente, quando se refere à mesma personagem do Comendador, quando esse não passa, ainda, do jovem Quincas.

A narrativa mescla a historiografia com a ficção. Ruy Tapiooca aproveita para fazer uma transcrição extremamente crítica e paródica das condições de vida no Brasil, especialmente a partir do momento da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. De fato, *A república dos bugres* tem um desenho muito cuidadoso: temporalmente falando, ocupa-se do período entre 1808, com a chegada da Família Real, e a declaração da República, em

1889. Mas o texto fragmenta-se em diferentes momentos, especialmente aquele imediatamente anterior à chegada da corte portuguesa, fuga dos soldados de Napoleão. Os fatos se sucedem com o estabelecimento de um séquito de quinze mil pessoas que necessitam de casa numa cidade de pouco mais de 60 mil habitantes (aumento de um quarto da população, portanto); o retorno da Família Real a Portugal e a conseqüente declaração de independência; a Guerra do Paraguai e, enfim, as manobras que culminam com a derrubada de Dom Pedro II. Valendo-se, contudo, de um procedimento artificioso, um livro de ensaios que o recém-falecido bacharel Francisco Viegas de Azevedo deixa como herança para Quincas, que passa a lê-lo, o autor permite-se recuperar, em umas pouquíssimas páginas (no contraste com o restante da narrativa), a história brasileira pretérita, entre o descobrimento de 1500 e o episódio da transformação do país em Reino Unido, ou seja, trezentos anos em menos de cinquenta páginas, e quase quatrocentas páginas para oitenta anos, apenas.

Para que se entenda a importância desses dados que, mais do que técnicos, permitem entender objetivamente a escolha dos pontos de vista do autor e a maneira pela qual se traduzem nos diferentes narradores, deve-se dizer que o Comendador Joaquim Manuel é um europeu puro, porque filho de portugueses, mas por ser filho bastardo de Dom João VI com Dona Eugênia José de Menezes, dama do paço e camarista da Rainha, jamais poderá ser assumido pelo soberano nem portar seu nome. Permanecendo no Brasil, criança ainda, quando a Família Real retorna para Portugal por exigência das Cortes, Quincas aqui se forma e aqui desenvolve suas atividades, primeiro tentando tornar-se clérigo e, depois, apenas como mestre-escola, formando gerações de novos brasileiros, dentre os quais nada mais nada menos que Machado de Assis. No entanto, se ele contribui com sua visão crítica, herdada de seu falecido amigo Viegas de Azevedo, na formação das novas gerações (chega a ser o preceptor da Princesa Maria da Glória, filha de Dom Pedro I e da Princesa Dona Leopoldina), possui uma perspectiva mestiça porque, de um lado, marginalizada socialmente (pela condição bastarda) e , de outro, colonizada, porque

parte do pressuposto europeu, considerando, por isso mesmo, os nativos como *bugres*.

O contraste se dá duplamente, pela perspectiva do bacharel Viegas, cujo olhar crítico não é, contudo, colonizado, e pela narrativa do padre Venâncio, cuja origem é cuidadosamente narrada. Ele é filho de um escravo negro, Anacleto, quituteiro, com a negra Venância, também escrava, irmã de outro negro escravo, Benedito, que, acusado de um assassinato de um nobre branco, é torturado e morto em frente ao então menino Jacinto Venâncio. Por seu lado, Venância foge da escravidão e vem a conviver com o negro Tibúrcio, com quem voltará a procriar, sendo suas filhas mais tarde encontradas pelo sacerdote durante a Guerra do Paraguai, transformadas em prostitutas a serviço dos soldados brasileiros. A perspectiva de Padre Venâncio, assim, que chega aos 92 anos de idade, é frontalmente contrária a do Comendador, com quem debate ferrenhamente algumas idéias, embora a principal oposição caiba ao leitor construir, através da leitura dos textos.

A terceira perspectiva, do narrador onisciente em terceira pessoa, é uma narrativa de equilíbrio e integração, que faz a junção das partes, revela dados desconhecidos que os demais narradores, por não serem oniscientes, ignoram, auxiliando, igualmente, o leitor menos avisado ou informado da história brasileira, a compreender e relacionar os eventos históricos mencionados.

Filia-se à tradição do romance picaresco, no sentido de que enfoca personagens marginalizadas que, ao longo do tempo, experimentam a ascensão social: o comendador, o sacerdote e, especialmente, alguns negros escravos que, transformados em voluntários da pátria, durante a Guerra do Paraguai, tornam-se os primeiros miseráveis sociais do Império, ainda sob a administração de Dom Pedro II, como o hilariante Cândido da Fonseca Galvão, na verdade o Príncipe Dom Obá II d'África, alferes das tropas de zuavos do Brasil durante aquela luta, ou o afeminado negro quituteiro Aniceto, especializado em comidas africanas, que trabalha para o bacharel Viegas de Azevedo.

O retrato do Brasil trazido por Ruy Tapioca é demolidor. As relações sexuais da corte, em especial da Rainha Carlota Joaquina, a sujeira do Rio de Janeiro, a violência da escravatura, a profunda desumanidade do Conde d'Eu, quando transformado em comandante das tropas brasileiras no Paraguai, os segundos interesses em face das reivindicações do Exército, depois da Guerra, que culminam com a República, nada fica em pé depois de se ler este romance. Pedra a pedra, Ruy Tapioca desmistifica a história-pátria, a partir de sua visão de vencedores, e revela todas as contradições que caracterizam nossa civilização, de sorte que, ao final da leitura, bem se entende o batismo do romance: nossa república de bugres, cuja denominação por certo poder-se-á estender para os tempos de hoje, é um país equivocado desde o princípio. Mas, ao mesmo tempo em que desmistifica a versão oficial da história, Ruy Tapioca mostra personagens admiráveis, profundamente humanos e sensíveis, que evidenciam, ao mesmo tempo, apesar de todas as adversidades, que aqui se constituiu, sim, uma nova civilização, ainda em processo de construção, mas cujas catastrofias são bastante distintas daquela que lhe deu origem, em especial quanto à expectativa de se ultrapassar a violência institucional que foi o ferrete com que nos marcaram desde o início.

Em suma, a leitura de *A república dos bugres* é um romance fascinante, uma leitura provocativa e, sobretudo, uma obra admirável.

Antonio Hohlfeldt
PUCRS